

E TIO SAM PEGOU O TAMBORIM

Carlos Bakota*

Tota, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor – A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

Tupy or not tupy, that is the question. Esta indagação lúdica de Oswald de Andrade deu o tom à pesquisa histórica do professor Antonio Pedro Tota. *O Imperialismo sedutor – a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra* cativa com sua narrativa a cultura quase sedutora da década de 1940.

Mergulhando em materiais e arquivos pouco pesquisados, ouvindo programas e vendo filmes desconhecidos, o professor Tota nos fala de uma incrível história da diplomacia cultural entre os Estados Unidos e o Brasil. Nessa história o *cast* é composto por Franklin D. Roosevelt, Branca de Neve e os Sete Anões, Getúlio Vargas, Zé Carioca, Pato Donald, Nelson Rockefeller, Charlie Chan, Oswaldo Aranha, Carmen Miranda, Jefferson Caffery, Orson Welles entre tantos outros “artistas”. O trabalho do professor Tota é uma contribuição importante no campo do *cross-cultural studies* e relações internacionais.

O estudo captura um momento de *glamour* e humor, quando o melhor da cultura popular dos dois países teve um papel primordial nas relações diplomáticas – quando, por exemplo, o Moma (Museu de Arte Moderna de Nova York) se transformou no centro da política exterior americana para a América Latina. O Brasil era um dos principais alvos dessa política.

Esse livro é o tipo de investigação que o meu mentor intelectual, E. Bradford Burns, grande conhecedor da história e da cultura do Brasil, teria grande prazer de ter lido.

* Historiador, brasilianista e adido cultural do Consulado Americano em São Paulo.

O *Imperialismo sedutor* é um dos poucos escritos acadêmicos que discute, com propriedade, o papel da cultura nas relações bilaterais entre o Brasil e os Estados Unidos nos anos 40. Para isso, o autor se debruçou sobre um período em que o informal, o idiosincrático e os elementos criativos das duas culturas se encontram, se seduzem sob a pressão do clima de guerra.

Os brasileiros no Cassino da Urca, por meio de suas músicas e gestos explicavam às estrelas de Hollywood, e principalmente aos diplomatas americanos, que o Brasil seria um parceiro indispensável nas propostas americanas desde que os Estados Unidos e a sua cultura demonstrassem respeito e reconhecessem a contribuição. Eles seguiriam o Tio Sam se ele tocasse o tamborim.

Nesta tarde em que resolvi fazer a resenha do livro em questão, estou olhando para uma foto do presidente Bill Clinton por ocasião de sua visita ao Brasil em 1997. Bill Clinton aparece marcando um gol no campo do Clube da favela de Mangureira. Na capa da revista *Isto É*, onde aparece a foto, está escrito: “O presidente americano seduz políticos e empresários, joga futebol, toca tamborim, e cria uma nova relação com os Estados Unidos”. Se os jornalistas que prepararam a matéria conhecessem a pesquisa desenvolvida por Antonio Pedro Tota concluiriam que o líder americano estava tentando somente recriar uma política que já tinha precedentes. Em outras palavras, o livro do professor mostra que essa sedução tem uma tradição nas relações entre os dois maiores países da América.

Voltando para os anos 40, os brasileiros deram boas vindas, usaram e reagiram à cultura de massas americana ideologizada e merdadologizada. Como disse Jock Whitney, *mogul hollywoodiano* e braço direito de Nelson Rockefeller: “Você sente que [o brasileiro] quer que você goste dele primeiro para depois ele gostar de você e se isso não ocorrer você é o culpado, o que eu acho que é verdade...”. Num certo sentido, Rockefeller fez disso o princípio central do seu programa: a sedução do brasileiro. Ele, genuinamente, gostava do Brasil e dos brasileiros, e na história de Antonio Pedro Tota você sempre pode sentir que à sedução americana os brasileiros contrapuseram a sedução brasileira. A sedução dos americanos pelas beldades brasileiras e, sem dúvida, pelas riquezas necessárias à máquina de guerra na luta contra o nazismo, teve uma forte contrapartida dos brasileiros. Estes foram seduzidos pelos filmes, pela promessa de uma sociedade rica e democrática, pelas músicas do rádio e dos discos, pelas “bugigangas” industriais e, principalmente, pela promessa de um mundo tecnologicado que poria fim à pobreza. Ou seja, a análise do funcionamento do americanismo na sociedade brasileira é ponto central do trabalho do professor Tota. Essa sedução de mão dupla é simbolizada na

cena em que Orson Welles aprende a sambar com Carmen Miranda. Quem está seduzindo quem?

O elenco dos atores desse livro é resultado de uma minuciosa pesquisa feita em arquivos pouco visitados por brasileiros. Este cativante grupo de personagens cria um verdadeiro sentido na abertura das relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos na década de 40.

O Pato Donald encontra Zé Carioca, Errol Flynn janta com Getúlio Vargas, Orson Welles paquera quase todas as moças do Rio, os Sete Anões ensinam aos brasileiros princípios de higiene e o taciturno embaixador Jefferson Caffery participa de um show no Cassino da Urca. Tudo isso aconteceu tendo como pano de fundo um clima de mútua sedução.

Certamente interesses econômicos ligavam os dois países nos anos 40. Para os americanos era necessários afastar os produtos alemães das Américas e pôr fim ao *flirt* dos brasileiros com os alemães. A necessidade de bases áreas e dos produtos bélicos para a guerra comprovavam esse esforço. Do lado brasileiro havia interesses econômicos que favoreciam não só a exportação de café e de outros produtos mas também esperavam atrair investimentos para o país. A sedução era motivada por mútuos interesses.

O professor Tota conta a história numa narrativa instigante, entrelaçando o papel de Pato Donald com o de Cordell Hull. Este é um trabalho de uma cuidadosa recriação histórica baseada em nova, sólida e inédita documentação. O professor Tota fez com que os melhores de Hollywood e do Rio de Janeiro se encontrassem no meio das relações diplomáticas dos dois países.